

Curta e fina

Com a ajuda essencial dos antigovernistas do PMDB – que impediram o apoio da legenda à reeleição do candidato a bis utilizando a tática radical de liquidar o partido –, a campanha, que se arrastava na cadência de marcha-rancho, acertou o passo no ritmo da polarização. E, se as coisas continuarem seguindo o modelo da nossa escassa experiência de eleição com exigência de maioria absoluta, acena com a possibilidade de resolver a parada no primeiro turno.

Vamos aproveitar os momentos livres da manhã para aliviar a tensão da espera do tudo-nada com a Dinamarca e distrair a cuca com alguns exercícios especulativos. Sei que a política anda numa chatice de doer, mas, que diabo, nela vamos disputar a partida do futuro.

A dupla Fernando Henrique Cardoso e Lula pulou à frente e ocupou os dois cantos da divisão natural do eleitorado. Lance esperto e óbvio para forçar a polarização, rachando o campo e não deixando lugar para ninguém mais.

Acabou dando certo com o empurrão da incompetência e da sôfrega ambição que cega os espertos. Uma a uma, as poucas oportunidades de abrir a terceira via e oferecer alternativa ao eleitorado foram sendo queimadas na fogueira da vaidade. O esvaziamento do balão de ensaio da candidatura de Ciro Gomes é bom exemplo. Ao postular vaga entre os favoritos provocou algum rebuliço e excitou expectativas. Discurso agressivo de dissidente, bagagem de êxito administrativo, boa postura e facilidade de comunicação. Pois foi tascado antes de acender a bucha. Negaram-lhe o estribo de legenda com estrutura nacional e tempo no horário de propaganda.

O PMDB refugou a candidatura de José Sarney, engambelado com a desconversa das futricas entre as alas irreconciliáveis e que só se entenderam no mutirão final para acabar com o partido. O mesmo tratamento dúplice, intercalando afagos e coices, desterroou Itamar Franco para a sucessão de Minas.

Ora, o PMDB, e só o PMDB, dispunha das condições mínimas para balançar o coreto e pregar um susto nos donos da bola. Os altos índices de rejeição aos favoritos não foram suficientes para apaziguar a legenda e juntar inimigos para a avaliação dos riscos e vantagens de apresentar candidato próprio ou negociar o apoio à reeleição nos acertos estaduais e no rateio do futuro.

Encerrou-se o prazo para empinar novidades. Roteiro definido, resta esperar o fim da Copa do Mundo para mergulhar nas águas rasas e mansas da mais fria campanha que se tem notícia. Repeteco com atores envelhecidos, insistindo nos mesmos temas, engessada pela polarização que também perdeu a graça e não mexe com a alma do eleitor.

Aposta-se no aquecimento na reta de chegada do horário de propaganda eleitoral. Mas, os cálculos da divisão de tempo entre candidatos e a tabela da programação dissipam as derradeiras esperanças e consagram a polarização. Do jeito que Fernando Henrique pediu aos seus orixás e que Lula rogou a todos os santos do céu e da terra.

Campanha curta e fina como a lâmina do interesse do eleitor. De 18 de agosto a 1º de outubro, 40 dias de castigo. Mas, em distribuição camarada. Na televisão, das 13h às 13h25, menos de meia hora em faixa de baixa audiência. No luxo do espaço milionário, os 25 minutos para valer, das 20h30 às 20h55. Dá para suportar.

Agora, o mais importante. O naco para a campanha dos candidatos presidenciais não será servido todos os dias, mas três vezes por semana, às terças, quintas e sábados. Nos demais, exceto aos domingos, o refrigério dos programas de governadores, senadores, deputados estaduais.

Dos 50 minutos, Fernando Henrique abiscoita 23 minutos; Lula 10, minutos e Ciro Gomes, a mixaria de 2 minutos e 30 segundos. Os outros dez figurantes, com Enéas no meio, lambeirão os beijos com um minuto e quebrados para cada um.

Ora, descontada a hipótese improvável, remotíssima, de surpresa de última hora, salta a pimpona evidência que a brutal diferença de armas pulveriza pretensões e sonhos dos aventureiros.

Não sobrou para ninguém. Ciro Gomes ainda pode embalar soneca com um olho aberto para a realidade. O eleitor escolherá como em 94, entre Lula e Fernando Henrique. Sem direito a reclamar. Prato feito e trivial requentado. E talvez não precise servir-se duas vezes.